

Texto Extraído do Livro: Quem tem medo da morte?
Richard Simonetti

JÓIAS DEVOLVIDAS

Existe uma palavra-chave para enfrentarmos com serenidade e equilíbrio a morte de um ente querido: submissão.

Ela exprime a disposição de aceitar o inevitável, considerando que, acima dos desejos humanos, prevalece a vontade soberana de Deus, que nos oferece a experiência da morte em favor do aprimoramento de nossa vida.

A esse propósito, oportuno recordar antiga história oriental sobre um rabi, pregador religioso judeu que vivia muito feliz com sua virtuosa esposa e dois filhos admiráveis, rapazes inteligentes e ativos, amorosos e disciplinados.

Por força de suas atividades, certa vez o rabi ausentou-se por vários dias, em longa viagem. Nesse ínterim, um grave acidente provocou a morte dos dois moços.

Podemos imaginar a dor daquela mãe!... Não obstante, era uma mulher forte. Apoiada na fé e na inabalável confiança em Deus, suportou valorosamente o impacto. Sua preocupação maior era o marido. Como transmitir-lhe a terrível notícia?!... Temia que uma comoção forte tivesse funestas consequências, porquanto ele era portador de perigosa insuficiência cardíaca. Orou muito, implorando a Deus uma inspiração. O Senhor não a deixou sem resposta...

Passados alguns dias o rabi retornou ao lar. Chegou à tarde, cansado após longa viagem, mas muito feliz. Abraçou carinhosamente a esposa e foi logo perguntando pelos filhos...

– Não se preocupe, meu querido. Eles virão depois. Vá banhar-se, enquanto preparo o lanche. Pouco depois, sentados à mesa, permutavam comentários do cotidiano, naquele doce enlevo de cônjuges amorosos, após breve separação.

– E os meninos? Estão demorando!...

– Deixe os filhos... Quero que você me ajude a resolver grave problema...

– O que aconteceu? Notei que você está abatida!...

Fale! Resolveremos juntos, com a ajuda de Deus!...

– Quando você viajou, um amigo nosso procurou-me e confiou à minha guarda duas joias de incalculável valor. São extraordinariamente preciosas! Nunca vi nada igual! O problema é esse: ele vem buscá-las e não estou com disposição para efetuar a devolução.

– Que é isso, mulher! Estou estranhando seu comportamento! Você nunca cultivou vaidades!...

– É que jamais vira joias assim. São divinas, maravilhosas!...

– Mas não lhe pertencem...

– Não consigo aceitar a perspectiva de perdê-las!...

Ninguém perde o que não possui. Retê-las equivaleria a roubo!

– Ajude-me!...

– Claro que o farei. Iremos juntos devolvê-las, hoje mesmo!

– Pois bem, meu querido, seja feita sua vontade. O tesouro será devolvido. Na verdade isso já foi feito. As joias eram nossos filhos. Deus, que no-los concedeu por empréstimo, à nossa guarda, veio buscá-los!...

O rabi compreendeu a mensagem e, embora experimentando a angústia que aquela separação lhe impunha, superou reações mais fortes, passíveis de prejudicá-lo. Marido e mulher abraçaram-se emocionados, misturando lágrimas que se derramavam por suas faces mansamente, sem burburinhos de revolta ou desespero, e pronunciaram, em uníssono, as santas palavras de Jó:

“Deus deu, Deus tirou. Bendito seja o Seu santo nome”.